

Civilização cristã ou cultura e Espírito?

Notas para reflexão e debate em torno do tema «Fé e Cultura» *

«Es kommt mir vor, als könne ein religiöser Glaube nur etwas wie das leidenschaftliche Sich-entscheiden für ein Bezugssystem sein. Also obgleich es Glaube ist, doch eine Art des Lebens, oder eine Art das Leben zu beurteilen. Ein leidenschaftliches Ergreifen dieser Auffassung. Und die Instruktion in einem religiösen Glauben müsste also die Darstellung, Beschreibung jenes Bezugssystems sein und zugleich ein in's-Gewissen-reden. (...)»

(L. WITTGENSTEIN, *Vermischte Bemerkungen*, Oxford, Blackwell, 1980, p. 64)

«Kultur ist eine Ordensregel. Oder setzt doch eine Ordensregel voraus.» (Ibid., p. 83)

1. Esclarecendo a noção de Cultura, sua evolução e crise

Convém, para a presente reflexão, partir dum esclarecimento da noção do que se entenda por *cultura*, clarificando também as principais variantes do seu sentido.

Costuma dizer-se, numa das suas definições talvez mais ingénuas, mas não menos significativa, que a *cultura é o que fica depois*

* *In memoriam* do Prof. Doutor Isidro Alves, dedicamos esta reflexão elaborada para os «*Encontros de Fé, Ciência e Cultura*», org.º Reitoria UTAD/Vigaria Episcopal da Diocese de Vila Real, por ocasião de Mesa-Redonda/Debate: «Fé e Cultura», Mod.º Prof. Doutor Adriano Moreira, com as intervenções de Prof. Doutor Arnaldo de Pinho, U.C.P. – Porto e Carlos H. do C. Silva, Depart. Filosofia, Fac. C. Humanas, U.C.P. – Lisboa.

*de tudo se ter esquecido*¹. Estaríamos perante a indicação duma consciência de algo que constitui lastro, que resiste às flutuações e artifícios superficiais e, portanto, como substrato assim decantado, é a matriz, a substantividade mesma disso que se vive.

Deve, porém, completar-se uma abordagem tão exclusiva da noção de cultura por outra definição também muito genérica, mas, outrossim, inclusiva e que se deixa formular na *cultura como tudo aquilo que o homem faz*², implicando não apenas as infra-estruturas, os bens materiais e instrumentais, mas as formas de sensibilidade, de maneiras de ser e estilos de vida, as próprias formas de pensamento e mesmo os mais altos ideais e desígnios de ordem religiosa e espiritual³.

Aliás, entre a abordagem da cultura como um resíduo mínimo de identificação, seja dum *estilo de viver*, seja apenas duma forma de comunidade inter-subjectiva, seja ao menos duma língua, duma crença, etc., e, por outro lado, aquela noção antropológica, muito ampla, da cultura como quase sinónima do *fenómeno humano* ou capaz de lhe traçar características essenciais do seu mesmo ser, desde a antiga definição do *homem como zôon politikón*⁴, há como que o âmbito teórico e histórico duma compreensão da cultura justamente mais ligada com a *essência do humano* ou, então, como algo apenas instrumental e definitório da sua condição ou situação mundana⁵.

¹ Do que se aprendeu, é claro; a definição é de E. Herriot. Vide nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Dimensões essenciais da Cultura – Um seu estudo diferencial e categorial – (Elementos para uma Filosofia da Cultura)», in: *Didaskalia*, XXIX, (1999), pp. 189-226. Dispensar-nos-emos de indicação bibliográfica ou temática mais extensa, apenas indicando ao longo da presente reflexão algumas pistas mais oportunas ou significativas.

² Definição sobretudo antropológico-cultural, cf. R. Linton, Margaret Mead... Mischa TITIEV, *Introduction to Cultural Anthropology*, N.Y., Holt Rinehart and Winston, 1963, trad. port., Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1969, pp. 13 e segs.

³ Cf. P. Manuel ANTUNES, «Cultura e Civilização» in: Id., *Teoria da Cultura*, coord. de M.^a Ivone de Ornellas de Andrade, Lisboa, Colibri, 1999, pp. 39 e segs.

⁴ Cf. ARISTÓTELES, *Polít.*, I, 9, 1253a. Vide comentário nosso em Carlos H. do C. SILVA, «A Cidade – Máquina de fazer felicidade – Meditação crítica (política?) sobre a ascensão e queda do ciclo da filosofia urbana», in: *Philosophica*, 4, (1994), pp. 7-46, cf. pp. 14 e segs.

⁵ Cf. Ernst CASSIRER, *An Essay on Man*, trad. port., Lisboa, Guimarães eds., 1960, pp. 117 e segs.; vide também: J. LALOU e N. NÉLIS, *Culture et civilisation – Initiation à l'humanisme historique*, («Dimensions de l'humanisme contemporain», III), Tournai, Casterman, 1963, pp. 59 e segs. De ter também em consideração, quer a reflexão de fundo de P. TEILHARD DE CHARDIN, *Le phénomène humain*, (in: «Œuvres de T. de Chardin», t. I), Paris, Seuil, 1955, pp. 199 e segs. e pp. 263 e segs., quer a perspectiva da sociobiologia mais recente no equacionamento do homem cultural:

Sem aqui poder sequer delinear as principais fases desta caracterização histórica da cultura⁶, sobretudo desde as noções mais elementares que a relacionam adjectivamente com um *cultivo* (da alma)⁷, mais tarde uma *ilustração* do espírito (*Aufklärung*)⁸, no **contexto pedagógico** e justamente da importância do ensino – *paideia*⁹, não se pode deixar de salientar a tendência de referir a *cultura* à realização da genérica **condição sapiencial do homem**, à sua mesma vocação à autonomia moral e espiritual¹⁰.

Isto permite, por um lado, ligar esta mesma matriz greco-latina do conceito e palavra com a filosófica determinação da natureza do humano como a do vivente que detém o *lógos* (*zôon lógon êkhon...*)¹¹, como o *animal rationalis*, – dando-lhe esta essência de «ser racional» uma superação e parcelar autonomização em relação à *natureza*¹². Aliás, oposição esta, ou relação esta, com a *natureza*,

Cf. Edward O. WILSON, *On Human Nature*, Cambridge (Mass.)/London, Harvard Univ. Pr., 1978, sobretudo pp. 169 e segs.

⁶ Para o tema cf. *supra* n. anterior e *vide* Georges GUSDORF, *Introduction aux sciences humaines, Essai critique sur leurs origines et leur développement*, Paris, reed. Ophrys, 1974, pp. 249 e segs. e *vide* Id., cit. n. 14.

⁷ Além do sentido da *cultura* como *agricultura*, determina-se, ainda *adjectivamente*, a *cultura animi* a que se refere Cícero... Cultivo das *letras* e, depois, das *Belas-artes*, etc.

⁸ Cf., entre outros, cf. E. CASSIRER, *Die Philosophie der Aufklärung*, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1932, pp. 55 e segs.

⁹ Qualquer que tenha sido o seu modelo: socrático, sofístico... (cf. Werner JÄGER, *Paideia, Die Formung des Griechischen Menschen*, Berlin/N.Y., Walter de Gruyter, reed. 1973) da *translatio studii* (cf. P. RENUCCI, *L'aventure de l'humanisme européen au Moyen-Âge (IV^e-XIV^e siècle)*, Paris, Belles Lettres, 1953; também: E. R. CURTIUS, *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, Bern, Francke V., 1948...), ou, mais recentemente, do «ensino aprendizagem», etc. (cf. Gaston MIALRET e Jean VIAL, (dir.), *Histoire mondiale de l'éducation*, Paris, P.U.F., 1981 e segs.).

¹⁰ Cf., entre outras referências, G. SIMMEL, «Der Begriff und die Tragödie der Kultur» in: *Philosophische Kultur*, Berlin, Wagenbach, 1983 reed., pp. 183-206; John DEWEY, «Culture and Human Nature», in: *Freedom and Culture*, Buffalo/N.Y., Prometheus Books, 1989, reed., pp. 26-44; sobretudo *vide* Martin HEIDEGGER, *Ein Brief über den «Humanismus»*, in: Id., *Platons Lehre von der Wahrheit, Mit einem Brief über den «Humanismus»*, Bern, Francke V., 1947, 1954², p. 63 e segs.: «Versteht man aber unter Humanismus allgemein die Bemühung darum, dass der Mensch frei werde für seine Menschlichkeit und darin der «Freiheit» und der «Natur» des Menschen der Humanismus verschieden. (...)»

¹¹ Cf. ARISTÓT., *De gen. anim.*, 786b, 21. Sobre o equívoco da habitual tradução e redução ao «animal racional», cf. M. HEIDEGGER, *ibid.*, pp. 64 e segs.

¹² Sobre a «oposição» *cultura* e *natureza*, antes de aquela ser considerada como «segunda natureza», tenha-se em conta a *história* do sentido da «natureza»... Cf. Serge MOSCOVICI, *Essai sur l'histoire humaine de la nature*, Paris, Flammarion, 1977, pp. 489 e segs.; Id., *La société contre nature*, Paris, Seuil, 1994, pp. 285 e segs.

que, não só permitirá definir a *cultura* como uma «segunda natureza» (Aristót.), mas também elevar o ideal de vida a uma plena realização dessa *natureza* como um viver *sapiente*, como ficará na importante herança do estoicismo (o ideal do *sophós, prudens...*)¹³. Por outro lado, permite ainda estabelecer uma relação com a requirida racionalidade específica do viver gregário e político, tanto no sentido estrito da *pólis* antiga, quanto na definição **ética e política dos ideais da vida humana**: a Cultura, então, tomada substantivamente (*die Kultur*), já da moderna síntese expressiva dos valores e da liberdade criativa da Humanidade em geral¹⁴.

É aqui que convém, todavia, fazer uma distinção, entre o pendor *prático* desta moderna caracterização da *cultura*, sobretudo a partir do Idealismo alemão (mesmo já desde Herder e Kant, mas sobretudo em Fichte, Hegel...) e o sentido que antes privilegiava a *vida teórica* (*bíos theoretikós*) como característica do *ser livre*¹⁵ e, sobretudo, do primado da *theoría*, da vida intelectual pura, sobre a *vida prática e poética*¹⁶, isto é, a mais-valia da *racionalidade* (em geral)~, do que do *fáustico* e moderno sentido da primazia da *acção* (*Tat*)¹⁷.

Não quer isto dizer que a suspeita de certa dualidade, ou polaridade, na caracterização da própria cultura não estivesse já cons-

¹³ Cf. E. R. DODDS, *The Ancient Concept of Progress and other Essays on Greek Literature and Belief*, Oxford, Clarendon Pr., 1973, pp. 28 e segs.; Pierre HADOT, *La citadelle intérieure, Introduction aux Pensées de Marc Aurèle*, Paris, Fayard, 1992, pp. 199 e segs.; ainda de comparar com a perspectiva revalorizativa da cultura em A. L. KROEBER, *Style and Civilizations*, N.Y., Cornell Univ., 1957.

¹⁴ «...Nas culturas, e em todos os actos humanos, subjectivos e objectivos, que as formam, há uma universalidade potencial, valorativa e polémica que confere à expansão e desenvolvimento, no espaço e no tempo, características diversas daquelas que são próprias dos actos de domínio [da civilização]» (cf. Eduardo Abranches de SOVERAL, «Notas para uma distinção entre Civilização e Cultura», in: *Rev. da Fac. de Letras – Univ. Porto, – Série de Filosofia*, n.º 3 (2.ª série) (1986), pp. 1-11, vide p. 7). Vide também Id., «Nota sobre o Humanismo e a Técnica», in: *Ensaio sobre Ética*, Lisboa, IN-CM, 1993, pp. 21 e segs. Cf. Georges GUSDORF, *Les principes de la pensée au siècle des lumières*, («Les sciences humaines et la pensée occidentale», t. IV), Paris, Payot, 1971, pp. 333 e segs.: «Civilisation»; Id., *Introd. aux sciences humaines*, Paris, Ophrys, 1974, reed., pp. 229 e segs.: «Les systématisations du XVIII^e siècle».

¹⁵ Cf. E. R. CURTIUS, *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, ed. cit., t. I, pp. 62 e segs. (as *artes liberales*, por oposição às *artes serviles...*)

¹⁶ De acordo com a classificação dos «saberes» em ARISTÓT., *Metaph.* E, 1, 1025b 1 e segs.

¹⁷ Cf. Oswald SPENGLER, *Der Untergang des Abendlandes, Umriss einer Morphologie der Weltgeschichte*, München, Oskar Beck, 1924..., e o eco de GOETHE, *Faust*, vs. 1237: «...im Anfang war die Tat!».

ciente desde a época clássica, por exemplo na célebre releitura que Platão fez do 'mito de Prometeu' ¹⁸, quando contrasta o génio prometeico duma *tékhne* ou duma *poíesis*, um humano fazer assim quase prometeicamente divino, com a necessidade duma consciência moral (*êthos* e condição do *agir*, ou *práxis*) que se traduzirá pela implantação igual e universal em todos os homens de *aidôs kai dikaiosýne*, isto é, do «pudor e da justiça», ou seja, duma *consciência moral* ¹⁹.

Porém, tal dicotomia entre *fazer* e *agir*, entre a tentação 'retórica' e as exigências 'éticas' duma mais profunda realização do homem, encontra-se também glosada na polaridade entre o que é a *capacidade pensante* e o *conjunto de condições*, não apenas práticas, mas de *concretização* de tal inteligência, fazendo com que se tenha adquirido a noção da *base material*, até corporal da, então, dita *civilização* (ou chamado «reino da necessidade»), já por contraste com as formas mais características da vida intelectual (também moral) designada depois especificamente pela *cultura*, ou seja, do dito «reino da liberdade» ²⁰.

E, independentemente da discussão histórica e até da preferência nacional e idiossincrásica em relação a estas últimas noções ²¹, que aqui não vem ao caso, o que se deve sublinhar é que, no ciclo ocidental da *cultura*, se pretende preservar um *sentido do humano*, por um lado, nesta especificidade do seu ser racional e sua vocação ao *conhecer*, por outro, e por este mesmo teor *científico* ²² do seu *saber*, como uma visão integradora e assim universalista (o que se pretende até que seja único em relação a outras culturas e diversas civilizações) ²³.

¹⁸ Cf. PLATÃO, *Protág.*, 320c e segs. Cf. Louis BODIN, *Lire le Protagoras, Introduction à la méthode dialectique de Protagoras*, Paris, Belles Lettres, 1975, pp. 76 e segs.

¹⁹ Cf. *ibid.*, 322d; cf. n. anterior e vide J. DUCHEMIN, *Prométhée, Histoire du Mythe, de ses Origines orientales à ses Incarnations modernes*, Paris, Belles Lettres, 1974.

²⁰ Cf. *supra* n. 14; vide nossas reflexões: Carlos H. do C. SILVA, «Dimensões essenciais da Cultura – Um seu estudo diferencial e categorial (Elementos para uma Filosofia da Cultura)», in: *Didaskalia*, XXIX (1999), pp. 189-226.

²¹ Vide J. Laloup e J. Nélis, *Culture et civilisation*, ed. cit. *supra*...; ainda A. L. KROEBER, *The Nature of Culture*, Chicago, Univ. of Chicago Pr., 1952, e trad. port., Lisboa, ed. 70, 1993.

²² E até hodiernamente tecnológico; cf. Kevin ROBINS e Frank WEBSTER, *Times of the Technoculture, From the Information Society to the Virtual Life*, London/N.Y., 1999...

²³ Visão ainda 'renascentista'..., cf. Luís Filipe BARRETO, *Caminhos do saber no Renascimento Português, Estudos de História e Teoria da Cultura*, Lisboa, IN-CM, 1986, pp. 231 e segs.: «Cultura e Civilização...».

Ora, no extremo deste contexto a reflexão sobre a própria cultura, mais do que o seu valor ideológico (burguês, liberal, de luta social, etc.), permite apontar, não apenas para uma *filosófica consciência crítica dos limites da cultura* (de Condorcet e Rousseau, passando por Dilthey, mesmo Nietzsche..., até Oswald Spengler, A. Toynbee, P. Sorokin, e chegando a Max Weber, E. Cassirer, G. Gusdorf, Pierre Bourdieu, etc.)²⁴, mas para uma sua «noção científica»²⁵, e particularmente contextualizada **no quadro das Ciências Humanas** (sobretudo da ex-Etnologia hoje preferentemente dita *Antropologia Cultural*)²⁶.

Mas, neste trânsito, tanto de debate ideológico (cultura 'ideal' *contra* cultura 'revolucionária' e de vanguardas (Marxismo...); cultura erudita e cultura popular ou de massas (Jose Ortega y Gasset...)²⁷; cultura 'científica' (e tecnológica) e cultura 'literária' e humanística²⁸, quanto de *estudo objectivo doutras tradições etnográficas e diversidade de manifestações antropológicas*²⁹, – a antiga e axiológica definição da Cultura ligada com as mais altas formas da Arte, da Ciência, da Filosofia, da Moral (ou da Política) e da Religião, sai reduzida em muitos aspectos idealizados desta sua reserva humanista.

De facto, em vez da **Arte** como ordenação em ordem à Beleza ou como superior critério de Gosto (até Baumgarten e Kant...), numa *poética* ideal, vislumbra-se, ainda com a revolução da *arte*

²⁴ Cf. referências em nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Dimensões essenciais da Cultura – Um seu estudo diferencial e categorial (Elementos para uma Filosofia da Cultura)», in: *Didaskalia*, XXIX (1999), pp. 189-226.

²⁵ Cf. MALINOWSKY, *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*, Univ. of North Carolina Pr., 1944...; cf. também: Claude LÉVI-STRAUSS, *Anthropologie structurale*, Paris, Plon, 1974...

²⁶ Cf. reflexão em Ernst CASSIRER, *Zur Logik der Kulturwissenschaften*, trad. franc. Paris, Cerf, 1991; A. L. KROEBER, «Meio século de Antropologia», in: *The Nature of Culture*, ed. cit. *supra*.

²⁷ Cf. Jose ORTEGA Y GASSET, *Meditacion de la Tecnica*, Madrid, Rev. de Occidente, 1977; Theodor ADORNO e Max HORKHEIMER, «The Culture Industry: Enlightenment as Mass Deception», in: Simon DURING, *The Cultural Studies Reader*, London/N.Y., Routledge, 1993, pp. 31 e segs.

²⁸ Cf. Charles SNOW, *The Two Cultures and Scientific Revolution*, Cambridge, Cambr. Univ. Pr., 1959¹, 1963; *vide infra* n. 44.

²⁹ Cf. Manuel Viegas GUERREIRO, «O Sagrado em populações ditas primitivas», reed. in: Id., *Povo, Povos e Culturas, (Portugal, Angola e Moçambique)*, Lisboa, Colibri, 1997, pp. 35 e segs., a propósito do «sagrado e das culturas»; Ruth BENEDICT, *Patterns of Culture*, trad. port., Lisboa, Livros do Brasil, s.d.; Raymond WILLIAMS, «Culture is ordinary», in: Ann GRAY e Jim MCGUIGAN, (eds.), *Studying Culture, An Introductory Reader*, London/N.Y./Sydney..., Arnold Pr., 1993, pp. 5 e segs.

moderna, o que estaria a montante dessa determinação cultural e humanista do *fazer*: um horizonte pulsional também de expressividade, de primado *técnico* ou até de pulsão subconsciente, numa caracterização do *selvático*, do *dionisíaco* que já Nietzsche glossara na reinterpretação das matrizes arcaicas do trágico pensamento grego...³⁰

Por outro lado, também a **Ciência** deixa de ser um processo de saber, seja no modelo metafísico clássico (aristotélico-escolástico), seja no modelo fenoménico e relacional moderno (de Galileu e Descartes, Newton...), para, com a célebre *crise de fundamentação das várias ciências* (relatividade, geometrias não-euclidianas, química atômica, biologia evolucionista...³¹), se reduzir a *esquemas operatórios*, ciências aplicadas, cujo critério possa ser menos o da verdade, ou o da certeza, para se constituir como o da *probabilidade*, do conhecimento aproximado, etc. (G. Bachelard, K. Popper, Kuhn...³²). E nem sequer a ênfase absolutizante e quase-religiosa do método científico no Positivismo (no *sistema classificativo* de A. Comte...) sobreviveu a esta nova caracterização relativa, dúctil (até no abuso do «especialismo» fragmentante...), quase artística e provisória do que chegará hoje a designar-se pelo pragmatismo da *tecnociência*³³.

Ainda no que se reporta não apenas a esta nova Filosofia da Ciência, mas à **Filosofia** na sua globalidade, também aqui é geral o abandono das formas sistémicas duma Ontologia ou duma Teoria do Conhecimento, sequer duma Dialéctica universal, à maneira hegeliana, integradora até da Cultura numa Filosofia da História. A crise dentro deste paradigma, extremada pelo Materialismo, pelas visões vitalistas, irracionalistas, etc., vem fazer preferir, no abatimento da Razão demonstrativa, uma inteligibilidade reduzida à fenomenológica descrição, ao «mostrativo» ante-predicativo, que irá salientar o interesse pelas *vivências* (tal na Filosofia Existencial), pelas formas de expressão, também linguísticas e depois desenvolvidas no âmbito da Filosofia da Linguagem, da Filosofia Analítica, do Estruturalismo... etc. Filosofias que se tornam adjetivas, fre-

³⁰ Cf. também Herbert MARCUSE, *Eros and Civilization, A Philosophical Inquiry into Freud*, Boston, Beacon Pr., 1955...

³¹ Cf., entre outros, Freeman DYSON, *Infinite in all Directions*, Harmondsworth, Penguin, 1990.

³² Cf., vários textos em: Richard BOYD, Philip GASPER, e J. D. TROUT, (eds.), *The Philosophy of Science*, Cambridge (Mass.)/London, The MIT Pr., 1991.

³³ Cf. oportuno conjunto de reflexões: François l'YVONNET (dir.), *La grande mutation - Enquête sur la fin d'un millénaire*, («Questions de - Albin Michel», n.º 113).

quentemente a reboque dos próprios saberes científicos e tendencialmente reduzidas ao âmbito dito das Ciências Humanas³⁴.

Entretanto, mesmo que a preocupação filosófica por uma fundamentação do Sentido último para a existência, ou a busca dum derradeiro Humanismo, sobretudo após as Guerras Mundiais e o Holocausto, tenha retomado algumas grandes tónicas da Cultura, nomeadamente no que concerne à referência a um ideal de Paz, de Consenso universal, de Liberdade, Fraternidade, Igualdade de Direitos..., mas ainda de referência a uma ordem de Transcendência, de Ordem sobrenatural de esperança para além do *Sein zum Tode*³⁵, a consciência social e da **Política**, que tem um inegável e positivo desenvolvimento, vem menos tocada por esse Absoluto, do que pela herança pragmatista e liberal³⁶, pautada pelo realismo das condicionantes económicas e ainda geo-estratégicas, de outros grupos de pressão (sobretudo do impacto dos *media* e da recente revolução da informação...), etc. Ou seja, no âmbito da Política e das Leis presidirá um espírito – como hoje se defende³⁷ – de «consenso», numa atitude que postula «valores» (esquecida do niilista diagnóstico nietzscheano), mais do que respeita o *ser* ou a verdade da vida humana e dos acontecimentos históricos. E em tal óptica pragmática, como hoje até nas economias pós-industriais e da dita cultura do *pós-moderno*, a Cultura reduz-se a um ingrediente adjectivo do motor dos interesses, até às vezes ornamental, quase tão só lúdico³⁸.

Enfim, no campo da **Religião** (cristã e majoritariamente configuradora do Ocidente) também a evolução dos Tempos Modernos deixou uma profunda marca, mostrando como a Cultura, que pretendia ser a súpula humanista sucedânea da síntese teocrática da *Christianitas* medieval, ou dela descendente, se torna não só um

³⁴ Vide, por exemplo, a escola de Frankfurt; cf. Karl-Otto APEL, *Transformation der Philosophie*, Frankfurt, Suhrkamp V., 1972; cf. Várs. Aut., *Tendances principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines*, I – *Sciences sociales*, Paris/La Haye, Mouton/Unesco, 1971; Étienne SOURIEU, *L'avenir de la philosophie*, Paris, Gallimard, 1982; e *vide supra* n. 14.

³⁵ No limite existencial da *finitude*, segundo M. HEIDEGGER, *Sein und Zeit*, Tübingen, M. Niemeyer, 1927¹, §§ 72 e segs.

³⁶ Cf. J. DEWEY, *Freedom and Culture*, ed. cit. pp. 62 e segs.

³⁷ Cf. J. HABERMAS, *Theorie des Kommunikativen Handelns*, Frankfurt, Suhrkamp V., 1981; cf. *supra* n. 34.

³⁸ Cf. Gianni VATTIMO, *La Fine della Modernità, Nichilismo ed Ermeneutica nella Cultura Post-Moderna*, Milano, Garzanti, 1985; Jean-François LYOTARD, *La condition postmoderne*, Paris, Minuit, 1983...

baluarte anti-religioso do dito 'livre-pensamento' e duma concepção laica do mundo e da vida, até aos *profetas da suspeita* (como designa P. Ricoeur a Marx, Nietzsche, Freud...) e da «morte de Deus», mas ainda uma tentação para nela traduzir a mensagem evangélica, como se testemunhará com as formas do Modernismo, do pensamento social, etc.³⁹, confundindo o plano espiritual propriamente dito com o dos valores morais e da intelectualidade cultural⁴⁰.

Ora, por muito que a tradição cristã e católica, até em contraponto à Reforma e a uma certa tendência mais dualista de Fé e Razão, de Transcendência e Imanência, de Céu e Terra..., sempre tivesse marcado esse necessário *estar no mundo*, posto que *sem ser dele*⁴¹, haveria agora, por imperativo de abertura e diálogo da Igreja com o mundo moderno, um risco, já não de César-papismo, mas de secularismo e historicismo⁴². Além disso, contrariamente a esta leitura mais intelectual e cultural da fé (não só no âmbito dos estudos teológicos, da exegese bíblica, etc., mas do pretense diálogo com a arte e literatura, com a ciência e a tecnologia, com a filosofia e a ideologia, inclusive com as outras religiões e civilizações...), a religião encontra-se revalorizada, não nos seus quadros mais racionais ou duma *intelligentia fidei* mas, outrossim, justamente na sua reserva de mistério, de transcendência confundida com o irracional, o extraordinário e o emocional⁴³.

Ainda aqui se encontra a *ambiguidade recente da noção de cultura*, já não na exigência humanística e ética, mas na proliferação de contra-culturas, sub-culturas, marginalidades, grupos minoritários, ou melhor, contribuindo para a contemporânea evi-

³⁹ Cf. Michel de CERTEAU, *La faiblesse de croire*, Paris, Seuil, 1987, pp. 77 e segs. ainda a lembrar Miguel de UNAMUNO, *La Agonía del Cristianismo* (trad. port., Lisboa, Ed. Cotovia, 1991), bem assim as posições de Fernando PESSOA na crítica ao «cristismo»: Id., *Obras em Prosa*, ed. Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1982, pp. 165 e segs.: «Paganismo, Neopaganismo e Cristianismo nos Heterónimos»; Vincenzo VITTILO, *Cristianesimo senza redenzione*, Roma/Bari, Gius. Laterza & Figli Spa., 1995.

⁴⁰ Ainda a ligação com a *ecologia*...Cf., entre outros, Gregory BATESON, *Mind and Nature. A Necessary Unity*, (1979), trad. franc., Paris, Seuil, 1984.

⁴¹ Cf. Jo 15, 19; 18, 36... Vide Günter STEMBERGER, *La symbolique du bien et du mal selon saint Jean*, Paris, Seuil, 1970, pp. 87 e segs.

⁴² Cf. Roger GARAUDY, *Perspectives de l'homme, Existencialisme, Pensée catholique, Structuralisme, Marxisme*, Paris, P.U.F., 1969, pp. 123 e segs.: «La «conversion philosophique» de la pensée catholique».

⁴³ Cf., entre outros, Mark C. TAYLOR, *About Religion, Economies of Faith in Virtual Culture*, Chicago/London, Univ. of Chicago Pr., 1999.

dência da *pluralidade cultural*⁴⁴, tantas vezes reduzida a fenómenos de opção de estilo, de moda até, ou de configuração do mais superficial, podendo ocorrer independentemente duma outra «lógica» da produção, do consumo, da instrumentação... como acontece com a, hoje universalizada, civilização tecnológica⁴⁵.

Os próprios fenómenos actuais de diálogo inter-cultural também entre vários níveis de respectivo desenvolvimento (Norte – Sul...), bem assim a problemática da globalização uma nova cultura sem centro, em rede (a *net*, *internet*...), *policêntrica* quando muito, e da questão do «viver local, pensar global», etc., podem entender-se no âmbito da vasta crise da noção renascentista e humanista de Cultura e, além disso, mesmo duma *mutação civilizacional* muito mais radical⁴⁶.

2. A relação desta crise da Cultura (e mutação civilizacional) com a Fé

Tem, pois, plena oportunidade e legitimidade equacionar, ainda que brevemente, a relação desta situação fragmentária da *cultura* e do seu relacionamento com o âmbito da *fé*. E, isto, não só pelo próprio carácter específico da *linhagem judaico-cristã* e da Revelação no seu *teor profético e de encarnacional radicação*, aliás em contraste com a fenomenologia habitual doutras religiosidades e, em particular, da tradição pagã e clássica⁴⁷, mas ainda pelo histórico relacionamento e, inclusive, atitude doutrinal da Fé cristã e católica em relação à cultura⁴⁸.

⁴⁴ Cf. Wolf LEPENIES, *Die drei Kulturen zwischen Literatur und Wissenschaft*, München/Wien, Carl Hanser V., 1985; também John BROCKMAN, *The Third Culture*, trad. port., Lisboa, Temas & Debates, 1995; ainda: Edward T. HALL, *Beyond Culture*, N.Y./London/Toronto..., Doubleday, reed. 1989.

⁴⁵ Cf. Kevin ROBINS e Frank WEBSTER, *Times of the Technoculture...*; Benjamin WOOLLEY, *Virtual Worlds*, Harmondsworth, Penguin, 1992; Tomás Maldonado, *Reale e virtuale*, Milano, Feltrinelli, 1994...

⁴⁶ Na senda do 'utopismo' de Alvin TOFFLER, *The Third Wave...*; por outra parte vide Samuel P. HUNTINGTON, *The Clash of Civilizations – Remaking of World Order*, (1996), trad. port., Lisboa, Gradiva, 1999.

⁴⁷ Veja-se o contraste entre as «categorias hebraicas» da *tradição judaico-cristã*, da acção ou da «práxis», por oposição à *cultura greco-latina* e a sua «lógica» desiderativa ou «erótica» de querer *ver a Deus*... Cf. Claude TRESMONTANT, *Essai sur la pensée hébraïque*, Paris, Cerf, 1962³ e, também: Thorleif BOMAN, *Das hebräische Denken im Vergleich mit dem griechischen*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1968.

⁴⁸ Cf. *Gaudium et Spes*, §§ 53 a 62.

Deve, pois, salientar-se de princípio o sentido de que a mensagem evangélica e o central mistério de Cristo, assinalado em Sua Santa Humanidade, aponta não para uma *fuga mundi*, um desprezo das realidades terrenas ou mesmo um dualismo platônico de sobrevalorização do ideal, mas de descoberta da metamorfose espiritual na lógica da ressurreição, do restauro realista, do **dinamismo concretizante do Espírito**⁴⁹. Nem sequer sendo legítima a leitura helenizada duma busca de significado, de redução do *kerigma* a um sentido, mas antes de 'fazer acontecer o significado' na *ordem profética* e prática, sem que tal anule outra inteligibilidade⁵⁰. Será a racionalidade (não duma gnose e duma ênfase teorética, *theologia speculativa...*), mas, outrossim, duma *practica theologia*, como *intelligentia fidei*, e abertura à liberdade, espontaneidade, criatividade...do próprio anúncio do Novo, do Dom de Deus...⁵¹

Por outro lado, e aparte tal (paulina e inicial) valorização da economia espiritual que marca na ordem sobrenatural da **sabedoria de Deus**⁵², de Cristo crucificado, um sinal de ruptura, quer com a **sabedoria natural** (dos Gregos), quer com a expectativa de sinais (dos Judeus), a evolução histórica do Cristianismo fez dele um interlocutor com a cultura. E, desvalorizando embora momentos de incomunicabilidade (dos Controversistas...), ou de intolerância (das Cruzadas...) nesse diálogo, salienta-se a possibilidade de *vazar o vinho novo da Salvação nos odres velhos* ou nas categorias greco-latinas. É nesta lógica de «*não ser do mundo*», porém de «*estar no mundo*», que se insere esse diálogo em que justamente se mostra como a Fé e a experiência espiritual não conduzem a um obscurantismo, emocional, crédulo ou subjectivo (à maneira de Lutero e reformista; ainda de Schleiermacher, etc.⁵³), mas antes a uma compatibilidade com o âmbito exigido pela mesma razão e não

⁴⁹ Cf. Thomas MERTON, *The New Man*, Wellwood (U.K.), Burns & Oates, 1962 e reed. 1991, pp. 15 e segs.

⁵⁰ Cf. Abraham HESCHEL, *God in search of Man, A Philosophy of Judaism*, N. Y., Farrar, Strauss & Cudahy, 1955; Claude TRESMONTANT, *Essai sur la pensée hébraïque*, Paris, Cerf, 1962...

⁵¹ Cf. Cl. TRESMONTANT, *Saint Paul et le mystère du Christ*, Paris, Seuil, 1956...

⁵² Cf. *1Cor* 2, 6-7...: «E, no entanto, de sabedoria é que nós falamos entre os perfeitos, mas duma sabedoria que não é deste mundo, nem dos príncipes deste século, que são destruídos. Ensinamos, porém, a sabedoria de Deus, envolta em mistério (...).»

⁵³ Cf. referências em nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Liberdade cristã e pecado – Para uma nova leitura do humanismo evangélico e místico de Lutero», in: Várs. Auts., *Martinho Lutero – Diálogo e Modernidade*, Lisboa Eds. Universit. Lusófonas, 1999, pp. 89-110.

só por ela, mas por toda uma compreensão objectiva e sapiencial do homem, do mundo e da vida⁵⁴.

Embora nem sempre tenha havido esta abertura compreensiva, mesmo após a Escolástica e o **Humanismo** ao tempo da Reforma protestante, não se pode deixar de reconhecer que, a partir do séc. XVIII, a Igreja católica, sobretudo porque também confrontada com a autonomização intelectual e laica da Razão, se vê forçada a reconhecer na *Cultura uma síntese de altos ideais humanos*, posto que não redutores nem redutíveis da mensagem espiritual do Evangelho. Donde um magistério, mais crítico ou mais apologista até da ordem de realidades culturais, desde que como meios para o geral e harmónico desenvolvimento integral do homem. E, se se chegou a crispar, por exemplo, a relação da linguagem moral da Fé com o discurso de rigor da Ciência positiva (por ocasião do *Syllabus* do Papa Pio IX⁵⁵), isso não significa que a **evangelização da cultura** não se tenha vindo a pôr como uma exigência de *diálogo* (a partir de Leão XIII) e de também consciência da *aculturação da fé, da teologia e das estratégias de expressão da mensagem evangélica*⁵⁶.

É para este binómio *duma cultura religiosa* e, por outra parte, *duma fé também cultural*, que se deve então apontar, sem esquecer como tanto a missionação e a expansão católica pelo mundo, como as formas de consciência científica e de valores culturais típicos da tradição da Igreja no Ocidente e a partir da sua matriz greco-latina, contribuíram também para a actualidade **duma Teologia da Cultura**⁵⁷.

De facto, a Mensagem universalista do Evangelho, não só vem marcada por uma certa cultura, linguagem, de base, mas no dirigir-se e ser anunciada a outros povos e continentes tem de se traduzir, sem dúvida não perdendo a sua identidade essencial, noutras culturas⁵⁸.

⁵⁴ Vide vários contributos em: Várs. Auts., *Fé e Cultura para o ano 2000*, I, Lisboa, Rei dos Livros, 1992.

⁵⁵ Cf. Jean-François SIX, *Du Syllabus au dialogue*, Paris, Seuil, 1970.

⁵⁶ Cf. *Evangelii nuntiandi*...; já nos documentos Conciliares do Vaticano II se apontavam as «antinomias» da Cultura: *autonomia e responsabilidade; tradição e inovação; especialização e síntese; cultura elitista e cultura popular*...: cf. *Gaudium et Spes*, §§ 55, 56...; vide também Jacques VERMEYLEN, (dir.), *Cultures et théologies en Europe, Jalons pour un dialogue*, Paris, Cerf, 1995, pp. 77 e segs., etc.

⁵⁷ Cf. K. RAHNER. P. TILlich... Cf. Paul TILlich, *Theology of Culture*, London/Oxford/N.Y., Oxford Univ. Pr., 1959; Id., *Kulturphilosophische Schriften*, ed. M. Palmer, Berlin/N.Y., De Gruyter/Evangelisches Verlagswerk GmbH, 1990.

⁵⁸ Cf. Jacques AUDINET, *Écrits de théologie pratique*, Ottawa, Novalis/Cerf, 1995, pp. 131 e segs.: «Pratique du langage, culture et foi».

Mais até, haverá hoje de se descobrir, ainda que sob a aparência secularizada e certo laicismo da própria hodierna tradição cultural do Ocidente, as valências de tal mensagem cristã, como se tivesse de se percorrer pelos caminhos do ateísmo, pior ainda da indiferença, ou até do relativismo religioso, qual «noite escura» da história cristã em que esta assim se purgasse de falsos ídolos e de farisaica atitude⁵⁹.

No entanto, se se postula este sentido de nova interpelação cristã da *cultura* e se vai ao encontro, a partir de dentro, destes mesmos limites da humana inquietude e ânsia de felicidade, de paz, de justiça, de solidariedade..., nesta abertura da Igreja ao mundo e aos sinais dos tempos, sobretudo na perspectiva do *Concílio Vaticano II*, não se pode, entretanto, deixar de notar que uma **Fé assim aculturada** tem o risco de se valorar em termos meramente humanos, arriscando nesta medida um imanentismo redutor⁶⁰.

Isto mesmo é sentido pelos movimentos, mais que reformadores, duma verdadeira *renovação espiritual* – que como dizia André Malraux, «o próximo século seria de místicos ou não o seria de todo»... – mostrando como o caminho para a santidade, felizmente não se deve confundir com o da ‘ilustração’ nem o da formação cultural e teológica; ou que a lógica (paradoxal) do Espírito estará com frequência em contradição com a coerência dos interesses e razoabilidade da cultura⁶¹.

3. Perspectivas de desafio à linguagem da Fé

Donde que se haja de chamar a atenção, não tanto para esta cristianização da Cultura, que poderia ter uma relativa importância, na medida em que a cultura é visada como mera mediação mundana ainda e natural, mas para um âmbito que melhor se diria **civilizacional** que integre as bases materiais daquela e que, inclusive, abra da Teologia humanística neste ciclo renascentista em que Michel de Foucault pretende descobrir no séc. XX o seu mesmo termo como a «morte do homem» (em *Les mots et les choses...*) para

⁵⁹ Cf. G. MOREL, *Le sens de l'existence selon S. Jean de la Croix*, 3 ts., Paris, Aubier, 1960...; vide também: H. Richard NIEBUHR, *Christ and Culture*, N.Y, Harper & Row, 1975; Paul TILICH, *Theology of Culture*, ed. cit. *supra* n. 57.

⁶⁰ Cf. *Gaudium et Spes*, § 57...; vide *supra* n. anterior.

⁶¹ Cf. T. S. ELIOT, *The Idea of a Christian Society*... London, Faber & Faber, 1982.

uma espécie de Cristo cósmico ao modo antecipado em P. Teilhard de Chardin⁶².

De facto, o que hoje ainda interpela e interfere mesmo no plano racional e moral da cultura são **novas estruturas civilizacionais**, alterações que atingem a base material do espaço-tempo (novas cosmologias, os universos incertos, oscilantes, «numéricos»...) ⁶³ e do cosmos (deslocação, informação, consciência ecológica...) ⁶⁴, da vida (técnicas de saúde, problemática fronteira da vida, da sexualidade, da manipulação etc.) ⁶⁵, da subsistência (novas formas de alimentação, vestuário, habitação, transporte, comunicação...) ⁶⁶ e das formas económicas (economia de mercado global, consumismo, comércio do «invisível»...etc.) ⁶⁷, da estruturação social (crise da família e das instituições, neo-tribalismo, novos grupos e comunidades...) ⁶⁸, dos estilos psicológicos (relativismo, neo-hedonismo, psicotrópicos, química cerebral...) ⁶⁹, inclusive ao nível simbólico (novas linguagens, informática, robótica...) ⁷⁰...

⁶² Cf. Pierre TEILHARD DE CHARDIN, *Le phénomène humain*, Paris, Seuil, 1955, pp. 282 e segs.; Id., *Le milieu divin*, Paris, Seuil, 1957, pp. 134 e segs.

⁶³ Cf., entre outros, Jean-Pierre CHANGEUX e Alain CONNES, *Matière à pensée*, Paris, Odile Jacob, 1992; Jean AUDOUZE, Jean-Claude CARRIÈRE, Michel CASSÉ, (eds.), *L'homme dans ses univers*, Paris, Albin Michel, 2000...

⁶⁴ Cf. Gregory BATESON, *Mind and Nature, A Necessary Unity*, (1979), trad. franc., Paris, Seuil, 1984; Joël de ROSNAY, *Le macroscopie, vers une vision globale*, Paris, Seuil, 1975.

⁶⁵ Cf. Steven SEIDMAN e David G. WAGNER, (eds.), *Postmodernism and Social Theory*, Cambridge (Mass.)/Oxford, Blackwell, 1992.

⁶⁶ Cf. reflexão de Jean BAUDRILLARD, *Le système des objets*, Paris, Gallimard, 1968; Michel de CERTEAU, *L'invention du quotidien, I – Arts de faire*, Paris, Gallimard, 1990...

⁶⁷ Cf. Joël de ROSNAY, *L'homme symbiotique, Regards sur le troisième millénaire*, Paris, Seuil, 1995, pp. 223 e segs.; ainda Raoul VANEIGEM, *Nous qui désirons sans fin*, Paris, Gallimard, 1996.

⁶⁸ Cf. André BURGUIÈRE, Christiane KLAPISCH-ZUBER, Martine SEGALEN, ..., *Histoire de la famille*, 3 ts., Paris, A. Colin, 1986...; ainda Heiner MÜHLMANN, *The Nature of Cultures*, trad. do alem., Wien/N.Y., Springer V., 1996.

⁶⁹ Cf. Patricia Smith CHURCHLAND, *Neurophilosophy, Toward a Unified Science of Mind-Brain*, Cambridge (Mass.)/London, The MIT Pr., 1989; Daniel C. DENNETT, *Kinds of Minds, Toward an Understanding of Consciousness*, London/N.Y., Phoenix, 1996; Id., *Brainstorms, Philosophical Essays on Mind and Psychology*, Harmondsworth, Penguin B., 1997; Humberto R. MATURANA e Francisco J. VARELA, *The Tree of Knowledge, The Biological Roots of Human Understanding*, Boston/London, Shambhala, 1998. Vide infra n. 76.

⁷⁰ Vide, entre outros, Michael LOCKWOOD, *Mind, Brain and the Quantum, The Compound 'I'*, Oxford, Blackwell, 1989, pp. 45 e segs. Cf. também G. LIPOVETSKY, *L'empire de l'éphémère*, Paris, Gallimard, 1987...

São estruturas que se começam a impor a partir da 'revolução industrial' e do primeiro grande impacto técnico na alteração ainda cultural daí adveniente⁷¹, mas que ganham hoje relevância numa «nova revolução industrial» (2.^a ou até já 3.^a), a da 'cibernética', da automação, da ductilidade de meios e transformações de escala, bem assim de *simbiose* global⁷². O que demanda **uma nova linguagem**, já não descritiva ou conceptual tradicional, mas de *performance* ou de matemática eficaz, de realização⁷³.

Linguagem essa que se exige ao nível mesmo da cultura, não da sua ludicidade aparente⁷⁴, mas na expressão desta de instâncias de rigor, de rentabilidade económica, de consequência mental, de estruturação psíquica e até simbólica e religiosa (alguns novos cultos sugeridos pela *New Age*... e da tecnologia), de novos quadros de referência do «real»⁷⁵.

É mesmo essa linguagem que hoje falece ao Cristianismo, que foi exímio no diálogo com o Marxismo, com as correntes morais e praxiológicas desse sentido humanista do pensar, mas que se encontra dificultado no confronto com as novas **cosmologias** científicas, as novas teorias biológicas e psicológicas, etc., não sobretudo no âmbito ainda *logóico* das teorias, mas no plano *tecnológico* e até das alterações concretas do viver (a sociedade tecnológica, da informação e da cibernética, da realidade virtual e da inteligência artificial, da revolução biológica e da engenharia genética...) ⁷⁶.

⁷¹ Vide a máquina a vapor, a luz eléctrica, os telefones, mais tarde o automóvel...; cf. J. U. NEF, *La naissance de la civilisation industrielle et le monde contemporain*, Paris, 1954. Cf. *supra* n. 66.

⁷² Cf. Alvin TOFFLER...vide *infra* n. 78; cf. Pierre LÉVY, *L'intelligence collective, Pour une anthropologie du cyberspace*, Paris, La Découverte, 1995; Edward O. WILSON, *Consilience*, N.Y., Alfred A. Knopf, 1998...

⁷³ Cf. J. L. AUSTIN, *How to do Things with Words*, London/Oxford/N.Y., Oxford Univ. Pr., 1962; J. SEARLE, *Speech Acts*, Cambridge, Cambr. Univ. Pr., 1969; vide ainda L. WITTGENSTEIN, *Philosophische Untersuchungen*, Oxford, Blackwell, 1968, Id., *Vermischte Bemerkungen/Culture and Value*, ed. G. H. Von Wright, Oxford, Blackwell, 1980...

⁷⁴ Ainda como mero «entretenimento», *divertissement* (B. PASCAL, *Pensées*, 168, 169, 170..., ed. Brunschvicg; 132-139 ed. Lafuma)...; vide também: Wolf LEPENIES, *Die drei Kulturen: Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft*, ed. cit. *supra*.; Várs. Auts., «La différence culturelle en question», *Cahiers Intern. de Sociologie*, vol. CV, nouv. Sér. 45année, juillet-déc. (1998).

⁷⁵ Cf., entre outros: Paul WATZLAWICK, *How Real is Real?*, trad. port., Lisboa, Relógio d'Água, 1991.

⁷⁶ A título de exemplo cf. Ken WILBER, *No Boundary, Eastern and Western Approaches to Personal Growth*, Boulder/London, Shambhala, 1981; John D. BARROW e Frank J. TIPPLER, *The Anthropic Cosmological Principle*, Oxford/N.Y., Oxf. Univ. Pr., 1988; Roger PENROSE, *The Emperor's New Mind*, London/N.Y., Oxf. Univ. Pr., 1990...

A cultura, hoje também científica, manifesta-se ainda nestas suas implicações tecnológicas e sociais, já se não podendo considerar «novos bárbaros» (como o fez A. Toynbee⁷⁷) aos «engenheiros» desta nova era tecnocrática⁷⁸ (Alvin Toffler, *The Third Wave...*), longe, portanto, do que também vai sendo um seu outro uso ao nível do consumismo e das massas (em fenómenos de uniformização que a breve trecho se pode supor que venham a ser tecnicamente ultrapassados), na tal «disneylândia» da superficialidade, do efémero pós-moderno, do infantilismo... Mas, seja no registo *técnico* dum seu uso científico, seja nesta função meramente *lúdica*, a cultura deixará de estar centrada no «humano, demasiado humano», abrindo-se para uma civilização do infra – ou supra – humano, hoje para o mundo da *complexidade*⁷⁹, do hierárquico e das determinantes complexas *holísticas* (novo paradigma global...), ainda para a descontinuidade «quântica» da vida, da consciência...⁸⁰

Aliás, sem a atenção a esta *mudança de escala*, a esta transformação profunda de modos referenciais e até de linguagem (passagem do *lógos* – conceito, palavra... para a dominância do *ícone* – imagem, número...)⁸¹ arriscar-se-ia a tentar pretender o entendimento adentro de extensões do mesmo modelo de cultura racional, do que assim a transcende, interpelando a própria Fé a partir doutras instâncias sociais, morais e sobretudo *espirituais* (por exemplo de estados alterados de consciência; de confronto com a fecundidade de experiências orantes e meditativas; ainda de diálogo próximo com tradições orientais, como o Taoísmo, o Budismo, o Yoga, etc.)⁸².

A crise do paradigma cultural não se cifra hoje por uma mera transformação cultural; não por *um continuar a pensar da mesma*

⁷⁷ Cf. Arnold J. TOYNBEE, *Civilisation on Trial*, (1948), trad. franc., Paris, Gallimard, 1951; *vide* também numa perspectiva actual e crítica: Alain TOURAINE, *Critique de la Modernité*, Paris, Fayard, 1992, pp. 270 e segs. De lembrar ainda Michel FOUCAULT, *Les mots et les choses, Une archéologie des sciences humaines*, Paris, Gallimard, 1966, pp. 314 e segs.: «L'homme et ses doubles».

⁷⁸ Cf. Alvin TOFFLER, *The Third Wave*, London, South End Pr./Pan Books, 1984. *Vide* crítica em Boris FRANKEL, *The Post-Industrial Utopians*, Oxford, Blackwell/Polity Pr., 1987.

⁷⁹ Cf. também Edgar MORIN, *Science avec conscience*, Paris, Fayard, 1982...; cf. *supra* n. 72.

⁸⁰ Cf., entre outros, David BOHM, *Wholeness and the Implicate Order*, London/Boston, Routledge, 1980...; Jean-Pierre WARNIER, *La mondialisation de la culture*, Paris, Éd. La Découverte, 1999; cf. *infra*, n. 90.

⁸¹ Cf. Gilbert DURAND, *Introduction à la mythologie, Mythes et sociétés*, Paris, Albin Michel, 1996...

⁸² Cf. Ken WILBER, Fritjof CAPRA, Chögyam TRUNGPA...ainda Thomas MERTON, Lanza Del VASTO... Cf. entre outros: Renée WEBER, *Dialogues with Scientists and Sages: The Search for Unity*, London/N.Y., Routledge, 1986.

maneira o diverso, mas denuncia uma **mutação civilizacional** que atinge mesmo as bases materiais de todo um vasto ciclo da humanidade, pelo que implica saber-se *conjuguar diferentemente, e perspectivar diferencialmente, ainda que a mesma cultura*⁸³.

É este o repto polifacetado e complexo que a modernidade põe à tradição da fé, exigindo o reequacionamento da aparente singeleza cultural (rural) evangélica, ou doutras já complexas doutrinações históricas e moralizantes, vagas e retóricas, no sentido do «retorno à evidência»⁸⁴, na atenção do **realismo cristão**, no plano da eficácia sacramental, numa renovada «liturgia» do espiritual, da fecundidade deste *plano de criatividade, de espontaneidade e de liberdade...* Aliás, em vários documentos do magistério da Igreja está hoje presente a atenção a esta necessidade de se constituir o fermento duma atitude diferente, – uma «civilização do Amor» (João Paulo II)⁸⁵ –, numa *abertura à Transcendência*, caminho libertador e estimulante para além da mera cultura.

Que a cultura é o bem indiscutível no plano da formação humana, do desenvolvimento inteiro psicológico, mental e moral, do homem, porém, que deve de si mesma possuir a *consciência crítica* de que é uma síntese pedagógica e de valores, portanto ao nível do *ter*, que não se pode confundir nem deixar abafar a instância espiritual, duma economia de graça e de liberdade mesma, outrossim, ao nível do *ser*⁸⁶.

⁸³ Cf. nossos estudos: Carlos H. do C. SILVA, «O Mesmo e a sua indiferença temporal – O parmenidianismo de Heidegger perspectivado a partir de «Zeit und Sein»», in: *Rev. Port. de Filosofia*, XXXIII – 4 (1977), pp. 299-349; Id., «Da diferença pensada ao discernimento vivido», in: *Rev. Port. Filos.*, 50 (1994), pp.411-441; Id., «Trans-disciplinarité et mutation de conscience» (Comun. ao I.º Congrès Mondial de la Transdisciplinarité, Arrábida, Nov. 1994), in: Várs. Auts., *Transdisciplinarité/ Transdisciplinarité – 1st World Congress at Arrabida*, [Actas], Lisboa, Huguin, 1999, pp. 181-192...; e, sobretudo: Id., «Dimensões essenciais da Cultura – Um seu estudo diferencial e categorial (Elementos para uma Filosofia da Cultura)», in: *Didaskalia*, XXIX (1999), pp. 189-226.

⁸⁴ Cf. Lanza del VASTO, *Principes et préceptes du retour à l'évidence*, Paris, Denoël-Gonthier, 1945. Trata-se da *evidência* do «simples», como o *originário*, talvez como Yves RAGUIN caracterizasse em *La Source*, Paris, Desclée de Brouwer, 1988, pp. 79 e segs., e não tanto ainda como *desejo* de tal simplicidade, mais num «olhar do simples» do que na *simplicidade de tal visão...* Cf. a propósito: Pierre HADOT, *Plotin ou la simplicité du regard*, Paris, Gallimard, 1997, sobretudo pp. 167 e segs.

⁸⁵ Cf. Papa JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias* (1994), trad. port., Lisboa, Rei dos Livros, 1994, pp. 15 e segs.: «A Civilização do Amor»; cf. também Id., *Centesimus Annus*, c. II, §§ 12 e segs., e *Veritatis Splendor*, c. II, §§ 28 e segs.

⁸⁶ Cf. M. HEIDEGGER, *Brief über den «Humanismus»*, ed. cit., pp. 100 e segs. e cf. Gabriel MARCEL, *Être et avoir*, Paris, Aubier-Montaigne, 1935, pp. 223 e segs.: «Esquisse d'une phénoménologie de l'avoir»...

Foi por tal que ficou paradigmático o episódio evangélico do diálogo de Jesus com Nicodemos⁸⁷ e a exigência de não ser no âmbito apenas vital e cultural, ainda que da fé, que se poderá compreender isso sim que é essencial à autêntica Vida, o «nascer outra vez do Alto», o estar aberto à gratuidade do «espírito que como um vento sopra onde e quando quer.»⁸⁸ Que, a cultura, pode-se ter ou não, pode-se perder até, mas a vida espiritual é, assim, condição de vida ou de morte, apenas ela atingindo o cerne profundo da essência ou alma do homem. A cultura faz desta alma um *simulacro*, uma útil 'dispeculação', porém longe daquela mais directa e radical interpelação transcendente...⁸⁹

Donde que, à lógica ainda «cultural» da *razão* e da *fé*, ou da *cultura e da religião*, se prefira uma interpelação cósmica (e até duma ciência do 'caos'...), do que é *inteligência intuitiva* e não discursividade argumentativa⁹⁰, bem assim uma *plenitude da vida teologal*, revista na «inteligência da Fé», como sua *espiritual sabedoria*, mostrando como nessa «ciência espiritual», também dita «dos Santos», se descobre o fermento da *caridade*, dessa vontade de Bem que compreenda sem discorrer, que esteja *atenta em cada gesto, em cada rosto do irmão que sofre, em cada instância, por mínima que seja essa transfigurante Presença mediadora*⁹¹, ou nesse essencial e desnudo seguimento de Cristo.

CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA

⁸⁷ Cf. Jo 3, 1-15. Vide supra n. 41.

⁸⁸ Cf. Jo 3, 8: 'tò pneûma hópou thélei pneí...'

⁸⁹ Cf. entre outros, Sri AUROBINDO, *The Human Cycle*, N.Y./London, Dutton & Co./Luzac, 1950...

⁹⁰ Cf. J. KRISHNAMURTI, *The Awakening of Intelligence*, London, V. Gollancz, 1973, p. 411: «...that very perception is the seed of intelligence.»; Id., *The Wholeness of Life*, London, V. Gollancz, 1978.

⁹¹ A lembrar Santa TERESA DO MENINO JESUS, Ms B 4r.^o-v.^o: «... de ne laisser échapper aucun petit sacrifice, aucun regard, aucune parole, de profiter de toutes les plus petites choses et de les faire par amour...» Vide nossa reflexão: Carlos H. do C. SILVA, «O Miniatural em Santa Teresa do Menino Jesus – Da mudança de escala na via de santidade», in: *Didaskalia*, XXXII (2002), pp. 147-243.